

Deus ligasse a esfera visível á invisível, na Terra, tão só por subtrair o homem aos problemas e labores necessários? Cada dia, no mundo, levava-te ao coração abundante celeiro de oportunidades que nunca soubeste aproveitar. Aprendeste que os desincarnados são igualmente trabalhadores e nem sempre são missionários iluminados e redimidos. Quando a Providencia permitiu que se encontrassem os irmãos de uma e outra esfera, não foi para estabelecer inércia e sim desenvolver, mais intensamente, a cooperação, a fraternidade e o espirito de serviço. Uns e outros são portadores de necessidades e problemas próprios, que a diligencia e o amor reciprocos podem resolver. Entretanto, transformaste o pobre Aquiles em muleta dos teus aleijões mentais. Fugiste aos problemas, abandonaste o trabalho, renunciaste ás possibilidades que o Senhor do Universo depositou em teus caminhos!...

Calando-se a voz por momentos, Boaventura implorou afogado em pranto:

— Dai-me um guia por amor de Deus!...

— Um guia? — perguntou o mentor invisível — para que? De que modo caminharás neste plano, se não quisesse aprender a caminhar nas estradas do globo? Não posso atender-te agora ao desejo; todavia, Jesus não te deixará ao desamparo... Vamos, segue-me! Regressarás á Terra para aprender que desincarnados e incarnados têm realizações que precisam efetuar conjuntamente. Não desdenhes o desenvolvimento das faculdades próprias! Vamos, Catarino, e não esqueças nunca que a dificuldade, a luta, o obstaculo e o sofrimento são guias preciosos que ninguém poderá dispensar na marcha para Deus.

E Boaventura de mãos dadas com Aquiles perplexo, seguiu, cambaleando, a grande luz que rompia as sombras, voltando ao mesmo lugar donde viera, afim de recomeçar a lição da vida.

NARRADOR APENAS

— Terminara a leitura — continuou Armando Botelho, na palestra eventual, em casa dos Velosos — e entrei a meditar profundamente, quando o vulto penetrou no quarto, de leve. Fixei-o surpreso e reconheci minha mãe a mostrar-me o sorriso meigo de outro tempo. Não disse palavra, nem se aproximou muito de mim; todavia, pude identificar-lhe as mãos rugosas, o olhar carinhoso e vivo, os cabelos brancos.

Enquanto o narrador distinto se calava bruscamente por acender outro cigarro, a nobre senhora interrogou:

— Mas, se conseguiu verificar fenômeno tão belo, como pode duvidar da comunicação dos Espíritos desincarnados?

Revelando maneiras apuradas no trato social, Botelho utilizou o cinzeiro, sorriu discretamente e sentenciou:

— Apesar disso, tenho minhas dúvidas. Quem me diz que a visão não era reflexo de minha propria mente? Durante o dia eu pensara em minha mãe, fitara retratos, relera velhas cartas dela. Nada impossível que meu subconciente padecesse determinadas excitações. Aliás, estes casos são comuns. Nosso problema psíquico é mais transcendente do que se pode imaginar. A ciencia de hoje relaciona observações indiscutíveis.

— Não compreendo bem — atalhou o respeitável Libório, hóspede da casa — neste passo, o subconciente nos levará a ilações mais inacreditáveis e mais difíceis de exame.

— Sim — voltava Botelho, evidenciando falsa preocupação — precisamos cuidado na investigação de fenomenologia tão extensa e complicada. Além disso, possuímos recursos ignorados e é possível enganarmo-nos a nós mesmos.

— Concorde — explicava o interlocutor, judiciosamente; todavia, em qualquer esforço é indispensável fugir ao absurdo teórico.

A conversação chegava a termo sem que ninguém estivesse de acordo. Armando não cedia. Contudo, ao transpôr a porta, depois das despedidas, surgiam comentários discretos.

— Se Botelho é favorecido com tamanha proteção espiritual, porque não se modifica para melhor? — dizia a senhora Peçanha recostada no sofá — é incrível que homens assim, se entreguem a tantos escândalos na vida particular.

— Ora, ora — alegava o marido, instalado na cadeira em frente — porque se deixará êle incomodar com Espíritos, quando tem vida folgada e dinheiro para esbanjar nos cassinos de luxo? A mulher ainda agora recebeu nova herança. Nessas condições, qualquer homem, ainda que visitado pela Corte Celestial, preferirá falar em ciência e faculdades ocultas.

Retrucava, entretanto, a companheira tomada de boa intenção:

— Nem tanto. Ha capitalistas generosos, ricos devotados ao bem dos que sofrem. Conhecemos amigos abastados, convertidos inteiramente a Jesus.

O marido tomou uma expressão brejeira e arrancando riso dos presentes, respondeu sem hesitar:

— Mas estes, Raimunda, são os missionários.

Continuaram a distilar o fêl da maledicência. De alguma sorte, porém, Armando Botelho fazia jús a referências tão ásperas.

Desde muito tempo, a velha e amorosa mãe o chamava do plano invisível. Intimamente, êle reconhecia o caráter real das manifestações, mas, amolecido pelo dinheiro, assumira condenáveis atitudes mentais. Se o coração começava a ceder, os vícios falavam mais alto

dentro dele e punham-no em fuga, através de noites alegres, onde o jôgo, o vinho e as mulheres desenhavam-lhe quadros deliciosos. Ótimo narrador, prendia os ouvintes com a fraseologia espirituosa, relatando fenômenos que o rodeavam; todavia, se algum amigo buscava inclina-lo a ilações religiosas, Botelho se revoltava. Citava cientistas e filósofos, observações e experiências. A' religião que consagra e define responsabilidades, preferia sempre a vaidade, que liberta os instintos inferiores.

Comparecendo, certa vez, á humilde reunião espiritista, foi surpreendido com pequena mensagem maternal. Aquela que lhe fôra carinhosa progenitora no mundo, pedia-lhe caminhasse na senda do bem, procurando a inspiração de Jesus e valendo-se da fé na estrada humana; e contudo, enquanto os amigos se rejubilavam, Botelho pôs-se em guarda e declarou:

— Não posso aceitar como idoneo este documento. Os espiritistas costumam precipitar conclusões. Quem afiançará que tudo não passa de alucinação telepática? Pensei na querida morta insistentemente. Não se daria o caso de transmissão de cérebro a cérebro? Além disso, a página é excessivamente impessoal. Minha mãe não se identifica, não se refere aos manos, aos netos, a letra não é expressão fiél.

Debalde, os amigos desapontados tentavam explicar; em vão procurou o medium relatar observações próprias.

— Tudo fragmentario, discutível... — rematava o negador renitente.

Foram inúteis detalhadas elucidações. Botelho não aceitou. Chegado á casa, notificou á espôsa a ocorrência da noite, objetando-lhe esta docemente:

— Será útil prosseguir observando. Creio que sua mamãe compartilha dos meus cuidados. A mensagem requer atenção ao bem. Não será um apelo justo? Não representará amoroso convite a que deixe você os falsos amigos e o hábito absorvente do jôgo? Temos filhinhos requisitando dedicação e vigilância. Essa página tem, pois, extraordinario valor a meus olhos. Ignoras talvez

que venho recebendo cartas anônimas denunciando seu proceder, no que se refere a mulheres viciadas. Não costumo tomar conhecimento de qualquer insulto ao lar; no entanto, acredito que deverá precaver-se quanto a companhias menos dignas, ressaltando o próprio nome.

Revelavam essas palavras tamanha generosidade e delicadeza que o espôso se calou, desapontado e vencido.

O acontecimento, porém, não lhe modificou as atitudes.

Depois de algum tempo, hospitalizou-se para tratamento de inesperada pneumonia. Ameaçado de morte, Botelho declarou a fé na intervenção do plano espiritual, implorou assistência materna, prometeu vida nova à companheira, mas quando se restabeleceu, não sabia falar senão de saudades dos companheiros levianos e regressou ao cassino, mais escravizado que nunca.

Continuaram os fenômenos e apelos indiretos, e todavia, ele prosseguiu a examinar teorias científicas mais novas, afim de reforçar argumentação negativa nas discussões habituais.

Transcorridos dez anos após a estada na casa de saúde, voltou a experimentar violentas dores no pulmão. Nova profissão de fé, ante ameaças de morte, novas promessas à companheira paciente e humilde. Restabelecido, porém, não mais se contentou com as extravagâncias noturnas e incluiu as horas do dia nas dissipações costumeiras.

Apesar de tudo isso, aprimorava cada vez mais as qualidades de narrador fascinante e distinto.

Mais de vinte anos haviam passado sobre a palestra em casa dos Velosos, quando Botelho os encontrou em festividade social.

— Sempre o mesmo! — exclamou o amigo, apertando-lhe as mãos.

— Ainda bem que o vemos de boa saúde! — disse a senhora, gentilmente.

Botelho não disfarçou o contentamento de abraçá-los e, qual acontecia noutro tempo, a conversação caiu no terreno amplo do espiritismo. O perdulario

relatou as últimas experiências, referindo-se mais vigorosamente à subconsciência e ao animismo. Contemplaram-no os Velosos, extremamente desalentados, reconhecendo tratar-se de caso perdido e sorriam ambos, murmurando evasivas.

— Ainda ante-ontem — prosseguia Botelho loquaz — sonhei que me encontrava em largo campo de luz. Avistei, na paisagem maravilhosa, uma árvore de cujos ramos pendia um único fruto amadurecido. Notei que minha mãe se aproximou tentando colhê-lo, mas, quando o esforço ia em meio, apareceu terrível monstro e o fruto, grande e belo, como se houvera criado impulso próprio, lançou-se às garras do animal, em vez de se deixar colher por minha mãe.

Sorriram os amigos, entreolhando-se em silêncio.

— E imagine que minha mulher — continuou ele — teve a coragem de interpretar o sonho, colocando-me no papel do fruto que, apesar de maduro, preferiu a companhia do monstro ao aconchego maternal. Já vi-ram contrassenso tal?

Veloso, entretanto, fugindo às discussões estereis com quem devia saber muito mais que ele mesmo, pelas experiências próprias, acrescentou com ironia intencional:

— As esposas são assim, energicas e severas, pelo muito amor que nos consagram. Não se incomode, porém. No seu caso, creio que deve recorrer a Freud, com bastante atenção.

— Isso mesmo, tal qual — concordou o interlocutor entusiasmado — até que enfim vocês também chegaram onde eu queria.

Daí a semanas, contudo, o extravagante Botelho era recolhido às pressas ao hospital, abatido e agonizante. Desta vez, era o edema pulmonar, irremediável. Nada valeram cuidados médicos e lágrimas da família.

Enquanto o corpo esfriava lentamente, gritava o excelente narrador, sequestrado agora aos olhos e ouvidos da esposa e dos filhinhos carinhosos:

— Minha mãe, oh minha mãe!... Valei-me por amor

de Deus! Ajudai-me neste angustioso transe. Creio agora na vida triunfante e imortal!...

A progenitora, todavia, não apareceu.

E' ante o olhar esgaseado do infeliz, surgiu devotado enfermeiro da espiritualidade que respondeu solícito:

— Acalma-te para exames necessarios. Não chames tua mãe. Depois de imensos sacrificios, esperando mais de trinta anos pela resposta de tua alma iludida e ociosa, ela mereceu a benção de Deus em tarefa superior e diferente. Como vês, Botelho, agora é muito tarde...

QUANDO FELISBERTO VOLTOU

Desde muito tempo, Felisberto Maldonado fizera-se espiritista de convicção profunda, quanto a raciocínios; não pudera, porém, compreender a extensão dos deveres que a doutrina lhe trazia, quanto a sentimentos.

A reunião íntima no grupo doméstico, onde o intercambio entre as esferas visível e invisível se podia efetuar harmonicamente, não lhe dava razões a críticas acerbas, nem questões complicadas a fé. A espôsa devotada era médium falante e, criatura maravilhosamente equilibrada, sabia dividir as obrigações mediunicas e familiares, demonstrando raro senso nas atribuições que Deus lhe conferira. Dona Silvana conhecia o lugar de cada pessoa e de cada cousa, na vida, e collocava os deveres de mãe acima de todas as situações terrestres. A vista disso, sua cooperação tornava-se preciosa, fosse onde fosse. No lar, distribuia afeto e carinho sem preferencias egoisticas; nas reuniões doutrinarias, dava a cada companheiro de ideal o que se tornava justo. Por isso mesmo, os benfeitores da espiritualidade encontravam-lhe no coração o campo reto, sem inclinações e sem abismos, onde se movimentavam confiantes na gloriosa tarefa da fraternidade e da luz.

Contudo, não acontecia o mesmo ao espôso. Felisberto esbanjava o tempo disponível a criticar asperamente. Porque vivia ao lado de pequena máquina espiritista, cujas peças se contavam por cinco a seis pessoas e jamais encontrara dificuldade na sua movimentação, tornara-se inapto a compreender as grandes tarefas. Descuidoso e rebelde, vivia a deslustrar reputações e a